

DESENHANDO E PINTANDO VISÕES DE MUNDO

Jacqueline Myanaki
Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM)/UFSM
jmyanaki@gmail.com

Resumo

A partir da realização de três atividades didáticas no ensino médio, envolvendo conteúdos de artes e geografia, este trabalho propõe reflexões sobre como o desenho e a pintura podem potencializar a capacidade de percepção sobre a paisagem além de contribuir ao próprio desenvolvimento pessoal do estudante em seu repertório expressivo, reflexivo e crítico. Baseia-se no entendimento de que a paisagem geográfica é constituída de elementos que podem ser mapeados, enumerados e analisados objetivamente, tal como fazemos por meio da cartografia, mas também é constituída do imponderável como as sonoridades e odores, elemento fugazes, indistintos ou transitórios que a subjetividade da percepção de cada ser pode expressar mais confortavelmente por meio da arte.

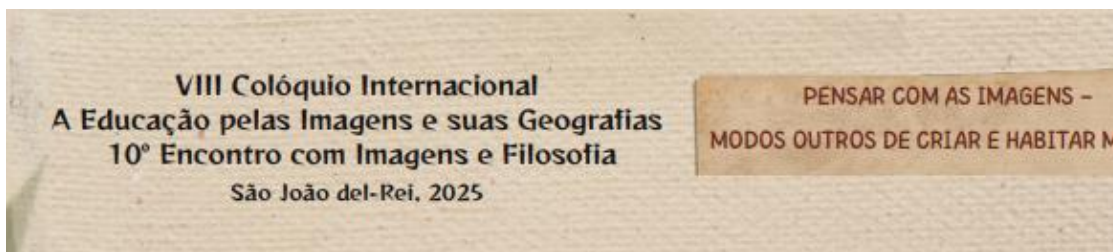
Palavras Chave: ensino de geografia; ensino de artes; desenho; pintura.

Introdução

A adoção do desenho e da pintura como dispositivos para ampliar o repertório de experiências no processo ensino-aprendizagem, de forma a tornar a leitura e a representação da paisagem e do espaço geográfico mais efetivos e mais amigáveis, tem sido objeto de investigação de Dissertação de Mestrado (2003), Tese de Doutorado (2008) e, desde então, continuamente na prática docente.

Desenho e pintura apresentam vantagens distintas. O desenho contribui à noção de fronteiras, limites, fluxos e detalhamentos sobre o objeto representado, ao dispor sobre a superfície do suporte (o papel, por exemplo), suas linhas, formas e pontos. A pintura pode ampliar a capacidade de expressão que o desenho limita quando privilegia os contornos das formas, mas também pode disfarçar inabilidades e limitações técnicas para desenhar, ao distinguir volumes e cores. Um desenho sem cores e texturas no preenchimento das formas quase sempre perde em vigor e vivacidade; se ao contrário receber pintura, ganha luminosidade, expressão e mais organicidade. (Myanaki, 2003, p. 54)

Neste trabalho, o objetivo é demonstrar experiências nas quais o desenho e a pintura podem ser excelentes aliados na percepção sobre a paisagem, seja a proposta baseada na representação figurativa ou não-figurativa, também chamada de abstração. Serão apresentadas três atividades didático-pedagógicas que envolvem conteúdos e noções de arte e geografia escolar, desenvolvidas no Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) junto aos estudantes dos primeiros anos dos quatro cursos Técnicos de Ensino Médio Integrado.



Desenvolvimento

O modo como percebemos o mundo está diretamente relacionado ao nosso repertório de experiências acumuladas ao longo da vida. A linguagem iconográfica tem se incorporado cada vez mais ao cotidiano das pessoas a ponto de nos habituarmos a expressar sentimentos e emoções com símbolos e gestos, em substituição à linguagem verbal e escrita.

No contexto do processo ensino-aprendizagem essas transformações demandam novas estratégias didáticas em desafios contínuos. Entendendo que arte não é simplesmente instrumento didático, mas uma área do conhecimento com a mesma relevância de qualquer outra como a geografia, as propostas apresentadas aqui, são extensões de uma grande pesquisa realizada na pós-graduação (Mestrado e Doutorado) na qual buscou-se estratégias alternativas para apreender simultaneamente conteúdos e noções de geografia e artes, ampliando a capacidade expressiva, criativa e crítica dos estudantes.

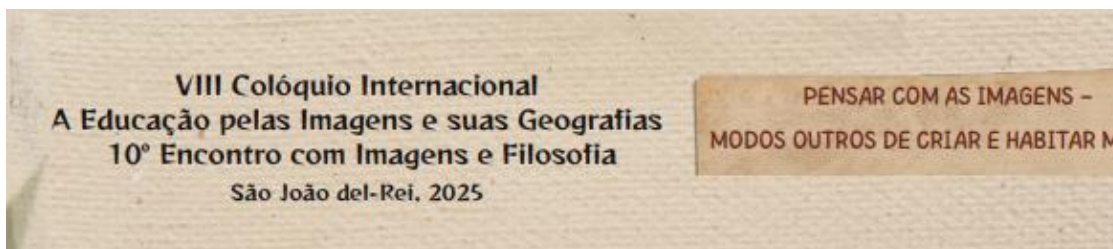
Ao utilizar o desenho e a pintura como dispositivos para desvelar a noção de paisagem é fundamental considerar qual material será utilizado, pois o mesmo condiciona nossos sentidos sobre o que está sendo percebido. Como afirma Gombrich (1959), ao retratar as antigas paisagens simbólicas, os chineses tendiam a ver na paisagem o que eram capazes de pintar e, não pintavam o que eram capazes de ver, ou seja, eles buscavam na paisagem observada elementos, os quais a técnica dominada permitissem a reprodução e que fossem representativos da composição simbólica. A combinação dos elementos representados raramente era uma cópia completa e perfeita da natureza. O olhar para a paisagem real era sempre um olhar seletivo, em busca da harmonia do arranjo, mas também um olhar limitado pela técnica dominada e conhecida naquele momento.

O artista, é claro, pode transmitir só o que o seu instrumento e veículo são capazes de executar. Sua técnica restringe sua liberdade de escolha. As características e relações que o lápis é capaz de captar diferem das que o pincel reproduz. Sentado diante do seu motivo, com o lápis na mão, o artista procura, então, aqueles aspectos que pode representar em linhas – como costumamos dizer, numa abreviação desculpável, ele tende a ver o seu motivo em termos de linhas, ao passo que, com pincel na mão, ele vê em termos de massas. (GOMBRICH, 1959, p. 69)

Se o objetivo é ampliar a capacidade perceptiva sobre a paisagem, de forma que os estudantes sejam capazes de ver mais, pintar mais e conseqüentemente estabelecer mais conexões, o componente técnico precisa ser um aliado e não um aspecto limitante.

Para as três experiências relatadas a seguir foram disponibilizados aos estudantes lápis de cor, giz de cera e aquarela, alternando momentos de livre escolha do material com a imposição de um ou outro. Quando utilizada, a fotografia foi apenas técnica auxiliar.

Na atividade denominada “Dando um zoom no espaço geográfico” a proposta resumiu-se a cada estudante buscar no ambiente do entorno do colégio um enquadramento de interesse pessoal, fazer uma fotografia e em seguida, eleger um zoom no mesmo enquadramento de forma a perder o referencial e selecionar apenas formas, linhas, cores e pontos. De volta à sala de aula, a fotografia com zoom foi utilizada para inspirar a elaboração de uma composição abstrata.



Na prática, foi aplicado o conceito de escala, já anteriormente estudado nas aulas de geografia. A fotografia do enquadramento foi impressa em tamanho bem reduzido e colada junto à composição, de maneira a servir de referência à leitura da composição abstrata (Figuras 1 e 2), cuja contextualização do movimento abstracionista também fora realizada previamente. Foi sugerido que atribuíssem livremente títulos às composições, sem a obrigação de que estes mantivessem referência com o enquadramento inicial.



Figuras 1 e 2– Desenhos de alunos. Títulos: Tronco e Tempestade Floral, respectivamente. Atividade “Dando um zoom no espaço geográfico”.

Para esta atividade giz de cera e lápis de cor ficaram à disposição dos estudantes. A proposta de chegar ao nível de detalhamento em que a representação acabe por se tornar uma abstração foi intencional, no intuito de que o conceito de abstração não se confundisse com o aleatório.

A proposta baseou-se na ideia de que sendo a paisagem como um palimpsesto, uma marca e matriz, tal como afirma Berque (1984, in: Corrêa; Rosendahl, 1998) e que se transforma incessantemente, então sua forma de estudo e abordagem também deve se adaptar continuamente. Se até o início do século XX, a paisagem como gênero na pintura estava presa à matemática e à geometria da perspectiva, posteriormente, sua representação desvencilha-se, abstrai-se, as linhas não mais limitam, as formas desintegram-se e se rearranjam, as cores se misturam e se movimentam nas telas, salpicadas por pontos que pulsam.

Como afirma Dondis (1973, p. 95), quanto mais abstrata for a informação visual, “mais geral e abrangente”. Então por que não propor novos referenciais de representação aos nossos estudantes?

A figuração, apesar de causar tensão inicial a quem é desafiado a desenhar, pode ser mais fácil do que aparenta, mas também mais limitante. Wilson e Wilson (1979, In: Barbosa, 1997, p.63) afirmam que o aprendizado de signos configuracionais é fácil e rápido, pois geralmente ocorre pela observação dos exemplos já traduzidos do mundo fenomenológico para a experiência bidimensional do papel ou outro suporte. Assim, é comum o sujeito observar a paisagem e traduzi-la em uma coleção de *schematas* ou estereótipos, como no exemplo da Figura 3, a seguir, realizado por um aluno, na primeira etapa da atividade “Desenhando e pintando a paisagem”.

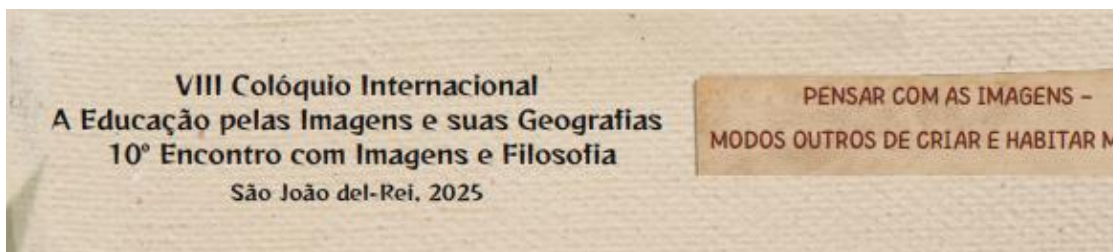


Figura 3 – Pintura em aquarela com uso de *schematas* (estereótipos) na composição de paisagem meramente enumerativa.

De certo modo, a figuração não exige um profundo repertório do intérprete para que ele compreenda o potencial interpretativo de um quadro além de seus aspectos emocionais, porém, sem dedicação e aprendizado é raro uma pessoa comum produzir boas representações (desenhos e pinturas). Inversamente, no caso das representações abstratas, é comum as pessoas se sentirem capazes de realizar obras semelhantes (ainda que não o sejam de fato), mas raramente compreendem-nas além do nível emocional.” (Myanaki, 2008)

Entendemos que paisagens abstratas, são justamente aquelas que mais se assemelham às representações cartográficas (Figuras 5 e 6) e que por isso podem se integrar ao processo de percepção e construção do conhecimento de forma a ampliar modelos de representação, conhecimentos em arte, capacidade expressiva, repertório de experiências e potencial crítico sobre os arranjos espaciais. Destaca-se nestas imagens a relativa semelhança entre a representação cartográfica e a expressão abstrata do quadro de Antônio Bandeira.

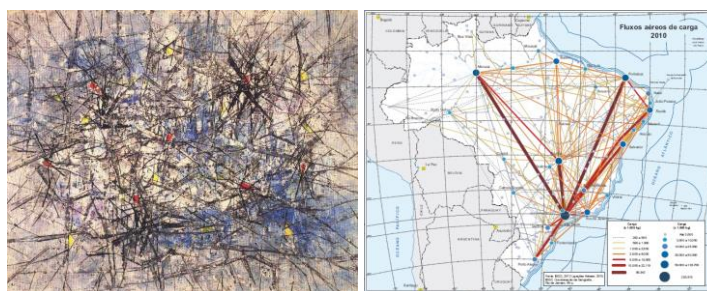
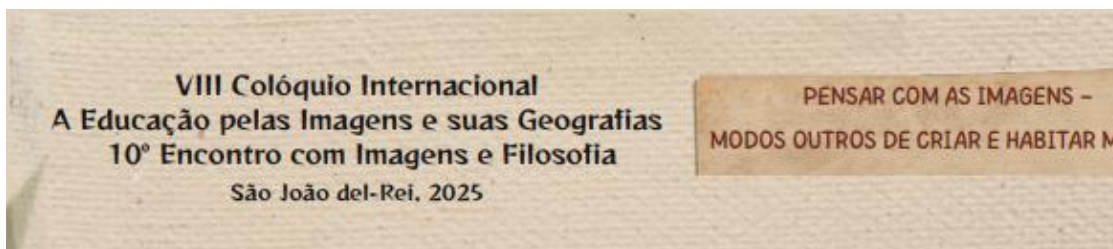


Figura 4: ANTÔNIO BANDEIRA: *Paysage*, 1956. Óleo sobre Tela, 81 x 100 cm. – Coleção Antônio de Almeida Braga, Rio de Janeiro. Fonte: NOVIS, 1996, p. 171

Figura 5: Mapa de Fluxos Aéreos de Carga, 2010. Fonte: IBGE

Na atividade “Desenhando e pintando a paisagem”, os estudantes foram orientados a selecionar um enquadramento na área externa do Colégio, com o uso de um visor construído em papelão, simulando uma “janelinha”. Utilizando giz de cera, que proporciona um meio termo entre a linha e as massas no potencial de representação, elaboraram seus desenhos e pinturas ao ar livre. Somente ao final fotografaram o mesmo enquadramento, cuja foto foi utilizada para a sequência da atividade, em sala de aula, com o uso de aquarela e papel adequado a esta técnica.



Os resultados apontam para uma dissolução maior dos contornos e um ganho de organicidade das representações (Figura 6). Mas também é importante destacar que a pintura de paisagem, ao se afastar da perspectivação, potencializou a possibilidade de inclusão do imponderável nas representações. O movimento do vento no expressionismo de Van Gogh (Figura 7), a efemeridade da luminosidade em Claude Monet (Figura 8) e as sensações pessoais em Antônio Bandeira (Figura 9) são evidentes exemplos.



Figuras 6: Aquarela realizada por aluno na segunda etapa da atividade “Desenhando e pintando a paisagem”

Figura 7: VAN GOGH: Paysage au crépuscule, 1890 - Óleo sobre tela, 101x 50 cm. Musée Van Gogh – Auvers-sur-Oise.

Disponível em: <http://www.insecula.com>

Figura 8: CLAUDE MONET: Impression, Soleil levant, 1873. Óleo sobre tela, 18 x 63 cm – Musée Marmottan, Paris. Disponível em: <http://www.marmottan.com/fr>.

Figura 9: ANTÔNIO BANDEIRA: Paisagem Atormentada, 1953. Óleo sobre tela, 54 x 65 cm, c.i.d. Acervo: Coleção Gilberto Chateaubriand – Museu de Arte Moderna (Rio de Janeiro, RJ). Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br>.

A terceira atividade “A imagem vira mapa e o mapa vira imagem” é uma proposta que objetiva estimular a criatividade, mas também familiarizar os estudantes com as convenções da representação cartográfica, praticamente como uma continuidade da atividade do “zoom”, cuja escala foi tema de reflexão. Na primeira parte desta atividade, os alunos selecionaram uma fotografia, preferencialmente autoral e com ausência de pessoas. Trouxeram-na impressa em papel sulfite A4 para a aula. Não foi esclarecido anteriormente para que serviria esta imagem.

Já em sala de aula, receberam a informação de que deveriam realizar intervenções na imagem, transformando-a em um mapa, inserindo título, legenda, escala, fonte e todos os demais atributos que um mapa convencional apresenta, quando estes fossem possíveis de indicar. Um dos resultados demonstra o potencial criativo dos estudantes e também o domínio dos elementos do mapa já previamente estudados na aula de geografia (Figura 10).

Na segunda etapa desta atividade, realizou-se o inverso. Os estudantes receberam um fragmento de carta topográfica que fora descartada e o desafio foi intervir na carta transformando as linhas e formas em uma composição artística figurativa ou não-figurativa. Também foi solicitado que atribuíssem um título criativo à composição (Figura 11).

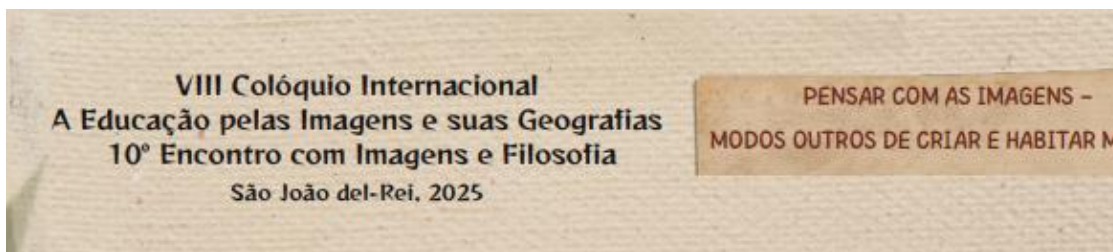


Figura 10: Imagem que virou “Mapa Econômico do País-sarinho”, com inclusão de Oceano Passarífico, Oceano Arábico e a Baía dos Passos

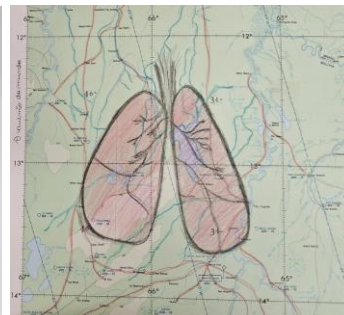


Figura 11: Mapa que virou imagem “O pulmão do Mundo”.

Extensa reflexão sobre produtos cartográficos e uma introdução à leitura dos símbolos e escala desta carta topográfica antecedeu o trabalho criativo: os estudantes identificaram as curvas de nível e linhas de estradas, fronteiras e rios.

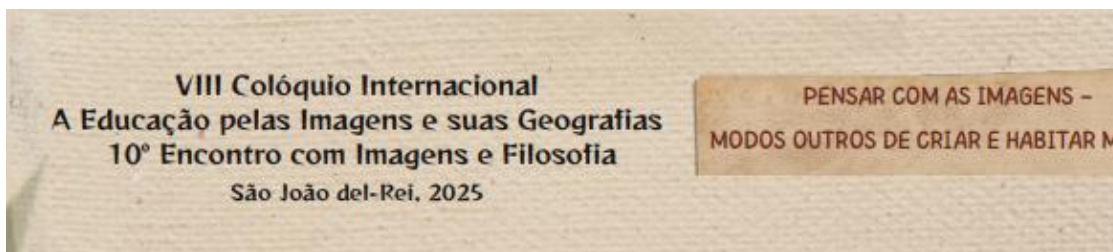
Essas três atividades didáticas objetivaram refletir e abordar simultaneamente temas das artes e da geografia. Fosse os movimentos artísticos, os gêneros da pintura, as técnicas de desenho e pintura, a própria leitura de obra de arte, ou fosse os elementos do mapa como escala e legenda, o conceito de paisagem geográfica, usos do solo ou a organização do espaço geográfico, cada um destes temas foi contemplado a seu tempo em cada uma das propostas e sem o prejuízo dos demais.

Conclusões

Tanto para os estudantes de nível básico e médio quanto para geógrafos em formação ou formados, um conhecimento mínimo e mesmo um domínio raso das técnicas de desenho e pintura podem potencializar a leitura de mundo, a elaboração de análises, deduções, confrontação de hipóteses e a compreensão e apreensão crítica do que ocorre ao nosso redor, como apontado por Gonthier-Cohen (1987, p. 52):

A falta de formação em artes visuais dificulta a compreensão em dois níveis. Primeiro, cria problemas na leitura de imagens, sejam elas documentos relacionados à fala do professor ou destinadas a servir de suporte ilustrativo. Segundo, dificulta o progresso do aluno, colocando-o em uma situação de incapacidade, submissão, subjugação ou rejeição das artes visuais. Assim, priva-o de conhecimentos operacionais que lhe permitiriam acessar abordagens verdadeiramente científicas. (tradução do original com auxílio do Google Tradutor)

A objetividade buscada pela cartografia, por exemplo, é elemento importante no enfrentamento de pontos de vista que podem torná-la instrumento de poder e imposição dos interesses de determinados grupos sobre as necessidades da maioria. Mas o afastamento constante da produção científica frente às subjetividades acabou criando um afastamento da produção artística.



Entretanto, as subjetividades, no momento da explosão dos movimentos artísticos do início do século XX demonstraram que o ser humano não está apartado do seu entorno e que a paisagem geográfica não exclui os seres humanos e nem é constituída só pelo que a visão alcança. A paisagem é constituída pelas sonoridades, pelos odores, pelas variações de temperatura e umidade, por exemplo, e nada disso precisa ficar de fora das representações, se considerarmos que a arte não é só representação, mas sim expressão, e como expressão não há cálculo ou geometria que possa contê-la completamente.

Como afirma Roger (1997, p.16) e já parafraseado em Tese de Doutorado:

Nosso olhar, mesmo quando nos parece pobre, é rico e saturado de uma profusão de modelos latentes, arraigados e, portanto insuspeitos: pictóricos, literários, cinematográficos, televisivos, publicitários, etc. que trabalham em silêncio para, a cada instante, modelar nossa experiência, perceptiva ou não. Nós somos, à nossa revelia, um intenso forjamento artístico e ficaríamos estupefatos se nos revelassem tudo que, em nós, provém da arte. O mesmo se passa com a paisagem, uma das categorias privilegiadas nas quais se pode verificar e mensurar este vigor estético. (Myanaki, 2008)

Ou como afirmava Paul Klee, a arte não reflete o visível mas torna visível.

Referências

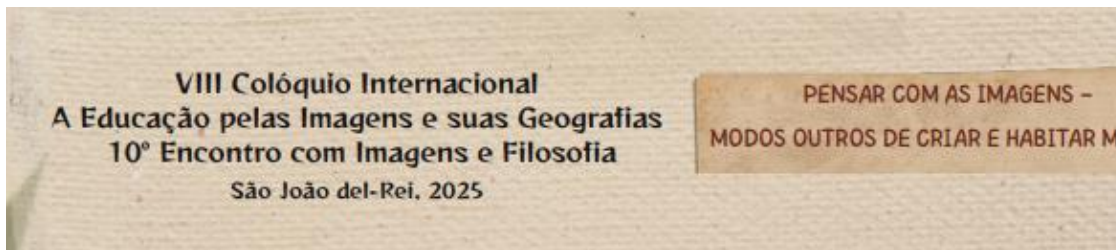
BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (Org.). *Arte-Educação: leitura no subsolo*. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 1999. 200 p. (1ª ed. 1997).

CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) *Paisagem, tempo e cultura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. 124 p. (Coleção Geografia Cultural, nº 2, 1ª ed. 1998).

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 236 p. Coleção **a**. (Título original: *A primer of visual literacy*, The Massachusetts Institute of Technology, 1973).

GOMBRICH, Ernst Hans. *Arte e Ilusão: Um Estudo da Psicologia da Representação Pictórica*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. 3ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda; 1985. (Título original: *Art and Illusion – A Study in the Psychology of Pictorial Representation*. The Trustees of National Gallery of Art Washington-D.C. – The A. W. Mellon Lectures in the Fine Arts, 1959)

GONTHIER-COHEN, Joëlle. Le dessin, ça Sert Aussi à Faire la Géographie, et Réciproquement. *Hérodote: Revue de Géographie et de Géopolitique*, Paris, nº 44, p. 51-65, janv-mars 1987.



MYANAKI, Jacqueline *A Paisagem no Ensino de Geografia: Uma Estratégia Didática a partir da Arte*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 149 p. 2003

MYANAKI, Jacqueline. *Geografia a Arte no Ensino Fundamental: reflexões teóricas e procedimentos metodológicos para uma leitura da paisagem geográfica e da pintura abstrata*. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 226 p. 2008.

NOVIS, Vera. *Antônio Bandeira, um raro*. Rio de Janeiro: Salamandra. 280p. 1996.

ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Paris: Éditions Gallimard. 203 p. 1997.